

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136.
Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa

Director, editor e proprietário—ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

COMISSÃO DE CENSURA
VISADO PELA

Questões de momento

A reforma do Ensino Secundário e a publicação dos novos *Programas* facilitaram, em grande parte, as missões de Professores e Alunos.

Mais homogeneidade na distribuição das disciplinas, mais seqüência na difusão dos ensinamentos e tempo de sobra para uma completa preparação.

Se ninguém pensou sequer, invocando razões de desinteresse, no aperfeiçoamento que a nova reforma veio trazer à prática do ensino, também ninguém ousará desencadear protestos quando ela encontre deficiências, considerando sobre certas complexidades, misturadas a seu modo as sistematizações de aniquilamento com os modernos processos de ensino liceal.

Pena é que as pedagogias hiper-críticas enveredem por caminhos tortuosos e de difícil transposição, reconhecido o ritmo da vida acelerada que presentemente vivemos—sorvedeiro até para os espíritos mais fortes—

negando em absoluto a função que as determina e rebatendo o princípio que as orienta, ao considerar-se que esses processos de ensino são tudo quanto há de mais imperfeito—inacessivelmente acumulados de teimosias e dificuldades como montanha altaneira e aterradora.

E senão, vejamos:—queixam-se os professores da falta de aplicação dos alunos a quem sobeja impaciência e falta a vontade do esforço próprio, como se vissem nisto carta abonatória do seu mister, e, em tom de gíria que só a raros é dado explicar cabalmente, forçam a nota de selecção para suprir, em *ultima ratio*, o sentido da sua inexplicável actividade, considerando como boa uma teoria que, longe de corrigir defeitos, se revela infortunada e absurda.

Atentemos, porém, no que a prática nos fornece: há professores de *ancien régime*, na boca de quem a história do «andando» não ficaria mal; há-os que se encontram obsecados pela ideia suprema do valor do trabalho experimental; conhecemos muitos para quem a restrição do trabalho é campo vasto para ilacções deduzidas fora das matérias que ensinam; e sabemos de outros que repudiam a experiência em abôno da teoria, simples ou complicada, só

para darem-se ares de pessoas cultas e familiarizadas com aquelas coisas que decoraram no decorrer do seu curso.

Considerando, todavia, na impossibilidade do aluno poder descobrir, no tempo do trabalho escolar, tudo o que razoavelmente é de esperar; insistindo no princípio dominante que em vez de malbaratar o tempo o aproveita no emprêgo de um método activo; as conclusões deduzem-se com relativa facilidade e a observação indica a não existência das aberrações a que acima se fazem referência, pois todo o segredo está em conseguir da capacidade pedagógica o método conveniente às anomalias e à psico-tendência dos alunos.

Ao fim e ao cabo verificar-se-á que a «massa» é boa, igual à dos nossos antepassados, localizado que seja o dilema de Calderon: *o homem é a síntese do mundo*—em contraposição daquêlle que afirma: *não pode haver reflexão onde tudo é distracção.*

G. C.

O Inverno

Com todos os seus rigores, chuvas, vento e granizo, chegou o Inverno, desapidado e inclemente, peor, muito peor que o seu irmão—1936.

A temperatura desceu com notável diferença, a luz é sombria e triste (tam triste como a negridão provocada pela falta de luz eléctrica), a terra encontra-se empapada pela água (abençoada seja pela resolução do fundamental problema citadino, pois as torneiras já deitam!) e os corpos ressentem-se do contacto da humidade... Não vemos, é certo, a beleza das neves eternas, de brancura superior à de um luar de Janeiro «de fria claridade»; muito menos nos é dado contemplar o assombroso espectáculo das grandes cheias que tudo submergem, vilas, aldeias e cidades; outro-sim nos é vedado olhar a revolta do mar infindo «molhando o chão com as vestes alagadas»; mas, sim, resta-nos o consolo de ver as ruas do velho burgo, muito limpinhas e asseadas, de causar ivenja a qualquer vassoura, municipalizada ou não, luxo de que andamos privados há cerca de 1 ano.

Inverno! Inverno!—conhecamos ao menos os teus benefícios!

A viela...

Querem-na melhor? Pois ela aí vai, tam fresquinha como qualquer notícia dada em primeira mão.

A viela, a sórdida viela de S. Crispim, que as D. Higiene e D. Profilaxia entenderam dever tapar-se a bem da saúde pública, de um lado com um muro e do outro com um portal *ricôco*, torna a tornar, volta a ser, reconhecida a necessidade de ali serem instaladas

higiênicas e profiláticas «sentinas».

—Ai, que até já me dói a barriga...

Ainda os caleiros

Lembram-se os leitores daquilo que aqui se escreveu a respeito dos caleiros da cidade, submetidos à prova—e que prova!—dos oito rigorosos meses de inverno?

—Pingue, pingue, pingue... E' bem certo: os sonhos são uma pintura muda, apesar de alguém julgá-los «a imagem da vida», e ai de nós quando acalentamos um sonho como seja esse de ver os caleiros concertados—é água sôlta em todos os sistemas: pingantes, repuxo, duche, etc., etc.

Mas, enfim, continuemos a ser impertinentes...

Fôgo!

Ao caminhar para a rua das Hortas, sempre se apanha cada susto!

Vai uma pessoa descuidada, tranqüila e revelando um ar de sossêgo, quando, sem tirtem-guarda, ouve a voz de —Fôgo!—e se vê em sérios embaraços para conter-se que não dê às de Vila Diogo.

Todo o santo dia—*Pum! Pum! Pum!*—, e logo o coração se fica em sobressalto, batendo apressado, não venha lasca da pedreira abrir brecha em qualquer parte do corpo...

Se até já há quem se julgue «cardíaco»!!!

Foi há um ano...

Fêz já um ano que desabou o muro da rua do Sabugal, com manifesto perigo para as pessoas que dêle faziam serventia, e, até ao presente, que nos conste, não foi erguido o sobredito cujo nem as pedras tiveram arrumo conveniente, tornando aquela artéria desimpedida e trazendo a tranqüilidade e o sossêgo a tôdas as pessoas que tenham necessidade de atalhar para a rua P.º António Caldas sem tornear a rua de Serpa Pinto.

—Que desmazêlo e que falta de senso!

O bem, o progresso, a defesa dos supremos interesses do bairro constituem necessariamente a base dessa religião que todos devemos ter, o bairrismo, e que devemos professar com tôda a devoção, com todo o carinho, com tôda a abnegação.

Chamamos a atenção dos nossos leitores para a nossa 4.ª página.

De tudo... um pouco

Nada de novo há a acrescentar ao que já está tudo dito: o tempo continua na mesma ordem de ideias, e as horas aumentam os dias, os dias os anos e estes os séculos. Portanto, caros frades, o que era ontem é hoje—e hoje é o *amanhã* infinito da idade e da vida. Nada de novo, pois, no meio desta embrulhada tãda que é o mundo as voltas com a senhora D. Política Internacional e que os homens se encarregam de acotovelar cada vez mais para pior. Pobre madama! Mas o que é mais grave

Dr. Alfredo Pimenta

Este nosso ilustre conterrâneo e distinto colaborador, esteve na semana finda na sua casa da Madre de Deus, de onde foi a Braga realizar a anunciada conferência no Instituto de Filosofia B. Miguel de Carvalho.

Pela imprensa, e pelas pessoas que daqui foram ouvir o talentoso escritor, sabemos que êle foi carinhosamente recebido e escutado, tendo mais uma vez confirmado os seus dotes de conferente que *nir-*



Dr. ALFREDO PIMENTA

guém excede, se é que o iguala, como o afirmou um dos maiores jornalistas portugueses.

Felicitemos o sr. Dr. Alfredo Pimenta pelos louros colhidos, e fazemos votos por que em breve o possamos ouvir aqui em Guimarães, onde, estamos certos, a justa consagração do seu alto valor, não ficará a dever nada àquela que, em Braga, tão calorosamente lhe foi prestada pelas pessoas mais representativas daquela cidade.

De Guimarães foram expressamente aplaudir o nosso querido amigo, os srs. Dr. João Rocha dos Santos, Capitão Abreu Lima, Alfredo Guimarães, Manuel Alves de Oliveira, João Martins Aldão, Rodrigo Pimenta e Francisco Faria.

é que os povos vão sofrendo os seus efeitos e defeitos, quer dêste ou daquele lado das fronteiras, olhando para a direita ou para a esquerda, quer olhando para traz ou para a frente. O mundo desde que é mundo não tem sido outra coisa. — «O que o bérço dá, a tumba o leva», ou, então, «quem torto nasce tarde ou nunca se endireita!» Concorram?... Conveniente... Conveniente! Contudo, quem o tem feito assim? Os homens! Dizem, e é verdade, que enquanto na terra existir mais do que um destes bichos, há-de—por mal dos nossos pecados e dos alheios—existir também duas opiniões, mesmo que sejam esses homens irmãos em crença política e fé religiosa. A's duas por três estão em desacôrdo: é que não basta suportar a queda dum ídolo, quanto mais incendiar o mundo, porque um dos dois, não ouvindo a voz da consciência, ou não respeitando o modo de *ver* do outro, se pôs aos ponta-pés a tudo e a todos como se o resto de tudo isto estivesse nas suas mãos e fôsse obrigado a sancionar as suas asneiras de todo o calibre.

Apre! Que mundo e que gente!...

O meu coração

AO POETA ALTININO GONÇALVES.

Bate mais devagar, meu coração...
Que tu andas doente, insatisfeito,
Basta ouvir essa doida pulsação
Que tens entre a gordura de meu peito...

Quantas vezes eu tenho a sensação,
Alta noite, estendido, no meu leito,
Que vais de encontro à morte, em repêlo,
E ficas trucidado, em pó desfeito...

Ó triste coração, que triste vida!
Depois de muito amar, de tanta lida,
Só descanso terá quando morrer!...

Meu pobre coração, o teu destino!...
Que saudades dos tempos de menino,
Da alegria que finhas de viver!

Janeiro de 1937.

DELFINO DE GUIMARÃIS.

Dr. Eduardo d'Almeida

Passa no dia 3 mais um aniversário natalício do nosso grande Amigo e ilustre Colaborador, sr. Dr. Eduardo de Almeida.

Não há palavras que traduzam a expressão de nosso sentir e, outro sim, testemunhem o reconhecimento aqui consignado. Eduardo de Almeida, pelos seus fulgurantes dotes de inteligência e ilimitada bondade do seu coração—tão grande que tem direito à veneração e culto públicos—, é sem favor a maior revelação vimaranense do mundo das letras, a maior figura de personalização de maior relevo desta *feira de valdades* onde se debatem a insensatez e a petulância.

Grande na Arte da palavra

escrita e grande na oratória—vêmo lo tam distanciado dêste pequeno mundo de iniquidades, que ousar retirá-lo do seu silêncio ou tentar despertá-lo do seu grande sonho, o mesmo será que profanar coisa sagrada, merecedora do respeito das gentes.

Na verdade, Eduardo de Almeida não pertence já à nossa geração... Caminha no cortejo das *sombras* dos grandes vultos da Literatura, aureolado pelo nimbo do mérito e unguído pela santidade que se derrama do seu formosíssimo coração, totalmente embevecido na sua Arte radiosa, inconfundível e inimitável.

Ao Mestre—que o é sem favores de cenáculos envidados—o preito da nossa Homagem e os votos sinceros da nossa Admiração.

Ad multos annos...



EDUARDO D'ALMEIDA, no ano da sua formatura (1905)

Ainda o 5.º aniversário do

«Notícias de Guimarães»

Registamos, com prazer, mais as seguintes referências feitas ao «Notícias de Guimarães», a propósito da passagem do seu 5.º aniversário:

De «A Póvoa de Lanhoso»,
Notícias de Guimarães

Percorreu o primeiro lustro da sua existência, entrando no sexto ano, este nosso ilustre confrade vimaranense que marca na imprensa pelo brilho de seus colaboradores e independência de seus actos. Nossas felici-

